



Caridade com os criminosos

“A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos de Deus para o mundo. Entre os verdadeiros discípulos da sua doutrina deve reinar perfeita fraternidade. Devem amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, para as quais, desde que se arrependam, serão concedidos o perdão e a misericórdia, como para vós mesmos, pelas faltas que cometeis contra a sua lei. Pensai que sois mais repreensíveis, mais culpados que aqueles aos quais recusais o perdão e a comiseração, porque eles quase sempre não conhecem a Deus, como o conheceis, e lhes será pedido menos do que a vós.”

(Elizabeth de França – Havre, 1862)

Texto extraído de O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, capítulo XI – Amar o próximo como a si mesmo – tradução de J. Herculano Pires.



Annamaria Dias é atriz, autora, diretora, jornalista e empresária. Natural de São Paulo, começou sua carreira no início de 1965 nos programas de Lúcia Lambertini, na TV Cultura. De 1965 a 1981 já contratada pela antiga Tupi, atuou em diversas telenovelas e teleteatros. Participou também do projeto Telescola ganhador do prêmio Japão — Internacional — com a categoria de melhor programa educativo do ano de 1980.

Ganhadora dos prêmios: Roquete Pinto, APCA, Teatro Troféu Comunicação, Prêmio Governador do Estado, Troféu Magnífico, Prêmio Quality Brasil e Teatro Prêmio Anchieta, **Me leva nos braços, me leva nos olhos** é seu primeiro livro.

O GRANDE SIGNIFICADO DO MEU TRABALHO NA FEBEM

Conhecedora da vida marginal por meio de notícias, artigos, reportagens e pela dramaturgia de Plínio Marcos, Zeno Wilde, Graça Mello. O contato direto com os internos da Febem foi uma das experiências mais marcantes na minha vida. Uma oportunidade preciosa de viver num mundo diferente de tudo aquilo que eu imaginava ou percebia.

Por duas vezes representei personagens marginais no Teatro. Nesses trabalhos, entrei a fundo no que chamávamos de “laboratório”. Visitei locais onde as prostitutas ficavam, fui ao presídio feminino, conversei com pessoas que me inspiraram e forneceram subsídios para embasar e enriquecer a construção das minhas personagens. Na construção de Célia na peça “Abajur Lilás”, tive contato com a presidiária de codinome “Sandra”, que segundo o diretor Fauzi Arap, reunia características importantes e um histórico de violência como chefe de quadrilha, que podia me ajudar a entender melhor meu papel nas peças. Fui feliz em interpretar duas personagens tão fortes e marcantes, que me honraram com prêmios importantes do teatro. Mas, a aproximação com aquela vida marginal, foi significativa, porém breve e não mergulhei de fato naquele universo.

Na Febem, a convivência com aqueles meninos, meninas e com todos que ali estavam, me fez descobrir pessoas e não personagens. Compartilhando emoções que misturavam sentimentos tão intensos que lapidaram relacionamentos valiosos e sedimentaram efetivos elos de confiabilidade, integridade e verdade. O exercício constante de integração, de aprendizado e de conscientização através do teatro, me fez compreender o poder extraordinário que uma peça teatral exerce sobre os indivíduos, e mais que nunca, entender porque o teatro é a primeira arte a ser escalada nos regimes fortes e despóticos.

A experiência admirável que obtive nesses dois anos como coordenadora de teatro da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (1986-1988), transformaram-me em uma pessoa melhor, mais forte e combativa – numa artista mais amadurecida e esclarecida sobre a realidade do meu país.

Annamaria Dias

© 2010 por Annamaria Dias

Direção de Arte: Luiz A. Gasparetto

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação: Bruno Bega Harnik e Fernando Capeto

1ª edição

setembro 2010

5.000 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dias, Annamaria

Me leva nos braços, me leva nos olhos / Annamaria Dias.

São Paulo : Centro de Estudos

Vida & Consciência Editora, 2010.

ISBN 978-85-7722-116-5

1. Arte - Aspectos sociais 2. Arte na educação 3. Dramaturgos - Brasil 4. Experiências de vida 5. Febem
6. Jovens - Aspectos sociais 7. Jovens - Educação 8. Narrativas pessoais 9. Projetos sociais 10. Teatro na
educação I. Título.

10-08788

CDD-361.25

Índices para catálogo sistemático:

1. Dramaturgos : Experiência e vivência como coordenadora de teatro da Febem : Arte na educação : São
Paulo : Cidade : Projetos sociais : Bem-estar social 361.25

Publicação, distribuição, impressão e acabamento
Centro de Estudos Vida & Consciência Editora Ltda.
Rua Agostinho Gomes, 2312
Ipiranga — CEP 04206-001
São Paulo — SP — Brasil
Fone/Fax: (11) 3577-3200 / 3577-3201
E-mail: grafica@vidaeconsciencia.com.br
Site: www.vidaeconsciencia.com.br



Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 5.988, de 14/12/73).



Me leva nos braços
me leva nos olhos

de Annamaria Dias

Revisão de Benezet MB Morgado e Ivania Almeida



Prefácio

Assumi,

em 21 de março de 1986, a presidência da Febem — Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.

Durante anos, trabalhei na área adaptada ao acolhimento de menores, ainda assim, indignei-me ao ter me deparado com a situação caótica de semidestruição, a exhibir entulho de incêndio e depredação.

Tive de assumir o encargo e todo esse impacto não obscureceu meu propósito de iniciar uma observação participante diuturna com a equipe técnica emergencial.

Nos encontros informais com funcionários e meninos, percebi que apesar de toda a tragédia, havia muitas vidas pulsantes desejosas de se expressarem. Baseado na experiência de se fazer educação, por meio da arte, e injetada na área penal, esbocei um acervo de hipóteses a ser concretizado em reunião com a equipe técnica, que ofereceria abertura a uma equipe de artistas a ser contratada.

Ao mesmo tempo, dei abertura a que funcionários em geral, que tivessem aptidão artística, pudessem participar do elenco que, aos poucos, foi sendo ampliado conforme nosso projeto, a todas as demais atividades que, tradicionalmente, abrangiam apenas educandos internos. Assim, esportes, trabalhos manuais, horta comunitária, piscicultura e o mais que viesse, dispunham de mãos de obra, realizações e satisfações somadas. Era uma interação individual ou grupal, que passou a assumir um caráter mais social.

Toneladas de entulho já tinham sido removidas. Restava a reconstrução do teatro, que estava reduzido às cinzas. Veio a verba. A esperança ficou para a inauguração.

Em meio a tudo isso, vale pontuar as experiências das penitenciárias sediadas nos bairros do Carandiru e Santana. Exceto a teatral, outras artes eram tradicionais. Antes as chamadas “Artes e Ofícios” (profissionalizantes), hoje extintas.

A música era predominante, o canto dos corais e os grupos de instrumentistas provocavam admiração e gosto em todos daquela comunidade.

Excepcionalmente, um pianista internacional, cujo contrato incluía o dever de incluir a população pobre da periferia, em suas exposições, recebeu a indicação da Penitenciária do Estado para tal. Ele, o intérprete e representantes do Secretário de Estado fizeram então o contato. A apresentação contaria com: vocal, repertório e piano afinado.

O concerto foi dividido em duas partes: uma para o pianista e outra para os presidiários músicos. No final todos eles dividiram um só palco e o desfecho virou carnaval, com a participação entusiasmada da plateia.

Outra expressão artística foi a pintura, que se tornou, pelo interesse e adesão, setor permanente e atuante.

Fui procurado por Annamaria Dias que, gentilmente, me pediu para fazer o prefácio. Autorizou-me a ampliar o texto o quanto quisesse. Resisti à tentação. Detive-me apenas na expressão artística dos prisioneiros. Depois me veio à lembrança, que muitos deles foram artistas menores nos Recolhimentos e que prosseguiram na arte, mas infelizmente, também no crime.

Lembrei também que ao conseguirem liberdade, a maioria a recebeu de volta, tendo ainda que enfrentar vários conflitos, tornando-se mais vulnerável à reincidência, conforme comprovação de estudos na área. A eles se destinou, nada mais, nada menos, que o refúgio da liberdade: pobres, sem experiência profissional, alquebrados, invadidos por uma subcultura do nada e de ninguém. Foram contemplados tão somente com um grande quinhão de tédio, tendo que cumprir suas penitências dezenas e dezenas de anos em celas monásticas, vivendo de forma extemporânea a Idade Média. Sobrevivendo...

A vida é misteriosa: no Brasil, muitos que sequer têm um punhadinho de quase nada dizem que vivem. E um tal, alcunhado de PODER PÚBLICO, também acredita que isso é população. Na matemática vale tudo!

Gostaria de não trazer isso a este prefácio. Desculpe-me, Anna. Você é grande em seu espírito festivo e alegre, por isso não quero estragar o seu “pedaço”. Minha profissão não “dá pé” pra arte, e minha especialização é criminologia. Desde criança não podia fazer arte!

Hoje estou certo de que fazer arte é considerado crime para o preso pobre e brasileiro. Talvez seja uma distorção semântica, já que os ricos dos Poderes Públicos e Privados são os donos de liberdade variada, pontilhada de privilégios, e a têm a qualquer preço. Tudo é ético, bonito, gracioso — um encanto! Um paraíso imune de pecados; “corpo fechado” mesmo.

Prezada Anna, sou testemunha de que ninguém melhor do que você é capaz, não somente de falar a respeito, mas de executar a educação por meio da arte, lançando mão do mundo teatral e de tudo que o compõe.

A batuta está em suas mãos, continue sua vida regendo sua orquestra!

Nazib Meserani



01.

O chamado

1986 —

iniciava-se, verdadeiramente, a abertura política, após a Ditadura Militar. Um ano muito importante para o Brasil. Um ano decisivo na minha vida e na minha carreira.

Já havia passado cinco anos, desde o fechamento da Rede Tupi, em 1981, onde eu havia sido contratada por quinze anos, realizando grandes trabalhos como atriz e aprendendo muito em todas as áreas da emissora.

Depois do encerramento da Tupi, eu já havia feito as peças teatrais “Abajur Lilás”, de Plínio Marcos, direção de Fauzi Arap; “Um tiro no Coração” de Oswaldo Mendes, direção de Plínio Rigon; “Aqui entre nós” de Esther Góis, direção de Iacov Hilel. Tinha sido contratada por dois anos na TVS de Sílvio Santos, onde atuei em cinco novelas: “Destino”, “A força do Amor”, “A Justiça de Deus”, “Sombras do Passado” e “Jerônimo, o herói do Sertão”. Trabalhei na área empresarial, atuando, escrevendo roteiros e dirigindo vídeos. Após tudo isso, estava determinada a morar no Rio de Janeiro.

Muitas vezes estive prestes a me transferir para lá, mas sempre um trabalho me trazia de volta a São Paulo.

Mas dessa vez era para valer. Henrique Martins, a quem chamo de Mestre (porque sabe tudo sobre TV), tinha me chamado para fazer um trabalho na Rede Globo, cujos estúdios ainda eram no Jardim Botânico. Então, aproveitei minha estada e comecei a procurar um lugar para morar. Hospedada no apartamento de uma amiga minha, Tereza de Góis, então umas das Proprietárias da IOB — Informações Objetivas, depois de gravar até depois do almoço, resolvi tomar um banho de mar para relaxar. O apartamento da Tereza ficava em Copacabana e era muito espaçoso e gostoso. Depois da praia, fiquei na janela vendo um pouco o movimento. Naquela época o bairro ainda era muito valorizado e muito bem cuidado. Tinha um chapéu-de-couro — árvore típica

de região praieira, bem em frente ao prédio. Da janela dava para ver bem porque o andar não era muito alto. Eu fiquei olhando tudo lá embaixo. Sentia-me muito feliz no Rio e naquele tempo eu sonhava morar lá.

Sempre gostei de praia, de calor, do agito de uma cidade turística e maravilhosa como Rio, que, naquela época, ainda era um lugar seguro para se morar.

Estava apreciando toda a paisagem, porque da janela eu também via o mar. Era um entardecer lindo! Aí ouvi um piado já conhecido e vi, pousado num galho do chapéu-de-couro, um passarinho que até hoje não sei bem se é pardal, mas que é meio grande, tem um peito amarelo esverdeado, e canta alto. Toda vez que esse passarinho aparece cantando, acontece uma transição na minha vida, normalmente indica que vai me suceder algo de bom. Pensei: “Vou achar um apartamento legal, me transferir para cá e continuar trabalhando na Rede Globo! E também vou fazer teatro aqui!”. Tive uma sensação deliciosa, de prazer mesmo!

A empregada que Tereza mantinha no apartamento veio me avisar que havia preparado um lanche para mim.

Essa empregada, a Gislaine, era muito louca! Morava no apartamento com duas maritacas que ficavam soltas e que dormiam com ela, na cama. E elas tinham nome: Susy e Lili. O dia inteiro ela conversava com essas maritacas como se conversasse com suas duas filhinhas! E comigo, gostava de conversar também. Perguntava tudo sobre a televisão, sobre os artistas, se era verdade isso, se era verdade aquilo, quem namorava quem... E eu percebia que ela sentia muita solidão, morando sozinha naquele apartamento. Então dava bastante atenção e ficávamos batendo papo. Ela estava torcendo para eu ir morar lá perto, para vir almoçar ou jantar com ela. Tereza já havia me alertado para não dar muito espaço, porque senão eu não iria ter sossego. Mas não era fácil deixar de conversar com a Gislaine, sempre tão prestativa e carinhosa comigo.

Ela havia preparado uma mesa muito bonita. Com frutas, pães, sucos, queijos, doces, café com leite. Falei para me fazer companhia e ela sentou, já falando sem parar. A conversa estava animada, quando o telefone tocou. Era para mim.

— Interurbano, o senhor Mazi — disse ela.

Mazi? Estranhei. Era o Nazih Meserani, cunhado de uma amiga minha, Ângela, com quem eu sempre conversava em festas, eventos. Formado em Sociologia e Política, Direito e Serviço Social, era responsável por toda a área prisional no Governo de Franco Montoro. Várias vezes me convidou para fazer um trabalho de Teatro na Penitenciária. Eu nunca aceitei. Uma noite ele conseguiu me levar para dar uma palestra sobre defesa pessoal. Eu fazia Kung Fu.

Conhecia um pouco aquele espaço. Quando fiz “Abajur Lilás”, o Fauzi Arap me “escalou” para fazer um “laboratório” com algumas presas. Ele queria que eu me inspirasse numa dela em especial — Patrícia, para interpretar Célia, uma personagem da peça. Eu não gostava do lugar, não me sentia bem lá. Mas gostei muito de ter ido fazer a tal da palestra. E, lógico, o Nazih me fez falar também da importância da arte e da cultura na formação de um indivíduo. O assunto foi longe...

Ele era uma figura! Inteligente, bem-humorado, sempre com tiradas críticas e precisas sobre a situação geral do país. Nazih assumiria a Presidência da Febem no dia seguinte e estava formando sua equipe. Queria que eu trabalhasse com ele.

— Fazendo o quê?

— Teatro.

— Teatro na Febem? — perguntei — De que maneira?

— De maneira simples e objetiva — me respondeu.

Disse que tinha um projeto bem interessante e que eu iria adorar o que tinha para me propor. Marcamos uma reunião para a semana seguinte, quando eu já estaria de volta. Depois de desligar, nem preciso dizer que perdi o sono. Que convite era aquele, e exatamente naquele momento da minha vida? Será que o meu destino era ficar mesmo em São Paulo?

Havia, no ano anterior, concluído meu Curso de Educação Mediúnica na Federação Espírita do Estado de São Paulo. Pensei: “Será um chamado? Uma tarefa que o plano espiritual planejou para mim?”.

Minha cabeça fervilhava! Só consegui dormir tarde da noite.

No dia seguinte, 21 de março, Nazih assumiu a Presidência da Febem. E, em seu discurso de posse, ressaltou: “Lamentavelmente, confessamos em público que estamos nas fronteiras da técnica e somos cobrados pela sociedade por soluções que variam entre a pena de morte, a redução da idade para imputação, ou então, contraditoriamente, por soluções grifadas pela pieguice. Os menores e seus educadores são cotidianamente culpados pela sociedade, numa convergência a esse binômio, como se fossem os únicos responsáveis por todo o mal que ocorre... É difícil firmar na opinião pública que a infração, que o crime são fenômenos sociopolíticos”.

Prometeu uma ação de esclarecimento público, um convite à comunidade para participar da gestão dessa problemática, numa visão centrada na Liberdade Assistida. E afirmou que programas educativos, profissionalizantes e terapêuticos, deviam dispor do máximo de recursos para que se conseguisse uma mudança de conduta. Nazih estava disposto a comandar a Febem, trabalhando em favor daqueles menores infratores, fazendo daquela Fundação um local condigno, seguro e adequado a uma ação educacional eficaz, sem características punitivas.

Acompanhei tudo pelo noticiário. Na semana seguinte, retornei a São Paulo e comecei a me preparar psicológica e espiritualmente para a reunião.